



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
FALLA – FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS

DENIZE LIMA DE BRITO GUERRA

**CONCEPÇÃO DE LEITURA COMO OBJETO DE ENSINO NO OLHAR DO
PROFESSOR**

CAMPINA GRANDE

2024

DENIZE LIMA DE BRITO GUERRA

**CONCEPÇÃO DE LEITURA COMO OBJETO DE ENSINO NO OLHAR DO
PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso Letras – Português, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Português.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Socorro Moura Montenegro.

CAMPINA GRANDE

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G934c Guerra, Denize Lima de Brito.

Concepção de leitura como objeto de ensino no olhar do professor [manuscrito] : concepção de leitura como objeto de ensino no olhar do professor entre a teoria e a prática / Denize Lima de Brito Guerra. - 2024.

26 p.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024. "Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro, Departamento de Letras e Artes - CEDUC. "

1. Ensino de língua portuguesa. 2. Prática de Leitura. 3. Leitura. 4. Prática de ensino. I. Título

21. ed. CDD 372.6

DENIZE LIMA DE BRITO GUERRA

**CONCEPÇÃO DE LEITURA COMO OBJETO DE ENSINO NO OLHAR DO
PROFESSOR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

Aprovada em: 17/06/2024.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Diego de Lima Santos Silva (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Maria Barros

Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandao (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus queridos familiares e a Deus,
meus alicerces, por todo apoio, motivação e
compreensão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
2.1 Concepções de Linguagem em Bakhtin e em Gerald.....	7
2.2 Concepções de Leitura em Chartier e em Freire.....	8
2.3 A leitura sobre a ótica da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	10
2.4 A Leitura em sala de aula	11
3 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS.....	13
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	19

CONCEPÇÃO DE LEITURA COMO OBJETO DE ENSINO NO OLHAR DO PROFESSOR

Denize Lima de Brito Guerra¹

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo refletir sobre as concepções de Docentes direcionadas às práticas de leitura nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola da rede pública estadual de ensino e outra da rede particular de ensino da cidade de Campina Grande. A leitura é um produto cultural de grande importância para a sociedade, pois é a partir dela que os sujeitos se desenvolvem, em todos os sentidos, porque entendemos que o desenvolvimento da leitura é algo que exige muito esforço tanto dos discentes quanto dos professores. Então, trata-se de uma pesquisa de campo, de caráter exploratório, em que houve participação de dois professores: um do ensino médio de escola particular e outro do EJA de escola pública, procurando entender concepção dos docentes sobre leitura enquanto objeto de ensino. Para isso, nos ancoramos nos estudos de Bakhtin (1997), Chartier (1999), Geraldi (2004) e Freire (1981), entre outros, que sugerem que os professores devem ser hábeis em diferentes formas de ensino. Os resultados apontam que incluir o ensino de leitura de forma eficiente exige esforço por parte do docente e estratégias de ensino eficazes.

Palavras-chave: Concepções de Leitura; Língua Portuguesa; Práticas de Leitura.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the conceptions of teachers directed at reading practices in Portuguese Language classes in high school and Adult Education (EJA) in one public state school and one private school in the city of Campina Grande. Reading is a cultural product of great importance to society because it is through reading that individuals develop in all aspects. We understand that the development of reading requires significant effort from both students and teachers. Thus, this is an exploratory field research involving the participation of two teachers: one from a private high school and another from a public EJA school, aiming to understand the teachers' conceptions of reading as a teaching object. For this, we anchor ourselves in the studies of Bakhtin (1997), Chartier (1999), Geraldi (2004), and Freire (1981), among others, who suggest that teachers should be adept in different teaching methods. The results indicate that including reading instruction efficiently demands effort from the teacher and effective teaching strategies.

Keywords: Conceptions of Reading; Portuguese Language; Reading Practices.

¹ Graduanda do Curso de Letras-Português. E-mail: denize.brito@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A leitura é um tema amplamente debatido em pesquisas e frequentemente abordado nos textos acadêmicos brasileiros. Contudo, as discussões sobre esse assunto nunca são suficientes. Por isso, este artigo propõe uma reflexão sobre as concepções de leitura entre os professores, visando estabelecer uma ligação entre teoria e prática docente.

A discussão a respeito dos modelos pedagógicos que contribuem para o enriquecimento do ensino de Língua Portuguesa vem sendo abordada há muito tempo. Os novos modelos de ensino passaram a entender que os velhos padrões utilizados no processo de ensino/aprendizagem não conseguiam mais cumprir com o objetivo de formar o educando na sua plenitude. Hoje, partimos do princípio de que o conhecimento não é acabado, mas dinâmico e o que fazemos em sala de aula são recortes dos estudos já desenvolvidos e daqueles que ainda estão em desenvolvimento.

No contexto de ensino, alguns professores ainda lecionam o conteúdo de forma tradicional quando reduzem a leitura como decodificação do código escrito e, o pior, geralmente utilizam a leitura como pretexto para o ensino de gramática. É necessário, portanto, promover mudanças na metodologia de ensino de modo a superar uma abordagem puramente tradicional, que trata o conhecimento como se ele fosse estático quando este é dinâmico.

Nesse sentido, compreendemos que quando o professor trata o conhecimento como sendo dinâmico, assim como mencionado anteriormente, exige do aluno um maior envolvimento para que a aprendizagem possa ocorrer. Uma aula bem planejada facilita esse processo, incentivando a interação do aluno. Além disso, a leitura está presente na vida do aluno e do professor para que ambos dialoguem, expressem suas opiniões, compartilhem informações, posicionem-se criticamente frente aos conhecimentos. Portanto, sabemos o quanto a leitura é essencial no processo de formação do sujeito.

Diante disso, não se concebe que a escola insista em atividades soltas, aleatórias, sem planejamento, posto que, também é imprescindível a necessidade de se investir num ensino de qualidade, a partir da realidade do aluno.

Ainda há docentes que utilizam a leitura como uma forma de submissão e não de liberdade/autonomia. Por isso, é necessário que o professor de Língua Portuguesa repense a sua prática, isto é, reveja tanto a sua concepção de língua quanto a sua concepção de leitura.

Para o desenvolvimento deste artigo foi realizada uma pesquisa bibliográfica, decorrente de pesquisas anteriores em documentos impressos, como livros, artigos, teses *etc.* Também foram realizadas entrevistas com dois professores a respeito da concepção do professor do ensino de língua portuguesa, relativo à leitura. Na primeira etapa, foi aplicado um questionário, tendo como finalidade compreender as respostas voltadas à concepção de leitura dos professores. Em seguida, analisamos os dados obtidos sobre o que foi abordado, dando continuidade a apresentações de novas sugestões para o aprimoramento do ensino de leitura em sala de aula.

Portanto, este artigo se mostra relevante por destacar as concepções de leitura sob a ótica de estudiosos da área da linguagem. O trabalho está organizado da seguinte maneira: 1. Introdução; 2. Fundamentação Teórica; 2.1. Concepções de Linguagem em Bakhtin e em Geraldi; 2.2. Concepções de Leitura em Chartier e Freire.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Concepções de Linguagem em Bakhtin e em Geraldí

No arcabouço teórico do filósofo e marxista da linguagem – Mikhail Bakhtin –, o dialogismo se sustenta porque permeia a sua concepção de linguagem e, quem sabe, mais do que isso, sua concepção de mundo, de vida. E é nessa direção que Bakhtin e Volóchinov (2006, p. 127) afirmam que “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes”, “mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações” (Bakhtin e Volóchinov, 2006, p. 125). Logo, é impossível compreender a língua sem considerar os aspectos sociais e ideológicos que a constituem.

Para entender as concepções de leitura de Michel Bakhtin é preciso analisar seu entendimento sobre enunciados e orações (Bakhtin, 1997, p. 293). Para o estudioso, a oração no enunciado concreto é compreendida como uma unidade da comunicação verbal. O enunciado divide (o discurso), obtendo unidades da língua e definindo a oração como a forma mais simples de enunciado. O discurso se materializa nos enunciados e o enunciado se materializa na própria oração. Ambos se complementam e, apenas com a junção do enunciado, a oração é contextualizada no momento da enunciação. Quando falamos ou escrevemos estamos apresentando enunciados que são compostos por frases e orações. Dessa forma, segundo Bakhtin (1997), o enunciado é a materialização da interação verbal da fala ou escrita de sujeitos históricos e está sempre inter-relacionado a outros enunciados que o cercam e caracterizam o diálogo.

Dessa forma, o discurso é um fenômeno social e complexo que nasce a partir do diálogo de diversos discursos, ou seja, todo discurso responde a outras vozes. Para o estudioso, cada sujeito discursivo vai se construindo dialogicamente e historicamente. Sendo assim, o discurso é ideológico, dialógico e histórico, conforme identificado no trecho abaixo:

Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido *lato*): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles (Bakhtin, 1997, p. 316).

Diante do apresentado acima, Bakhtin (1997) conceitua o enunciado como um tecido de muitas vozes ou de muitos textos e discursos que se cruzam/completam/respondem um ao outro. A compreensão de um texto é possibilitada por níveis de conhecimento, sendo eles: o linguístico, o textual e o conhecimento de mundo. Por meio desses conhecimentos, o leitor define o sentido exposto pelo texto. Esses conhecimentos são acionados no momento da leitura e, assim, a compreensão se forma quando vários elementos se juntam produzindo um todo significativo.

Podemos perceber que, para Bakhtin (2007), a produção de sentido no texto é construída através dos enunciados que trazem marcas de enunciados anteriores. Por isso, é de grande importância levar em consideração o todo do enunciado, considerar o contexto que vai contribuir para a produção de significado, promovendo a compreensão do texto. Pode-se assim constatar através das análises feitas dos estudos de Bakhtin que para o linguista, a leitura não é a junção de orações isoladas. O entendimento do texto envolve contexto, a junção de outras vozes. Sendo assim, a compreensão textual é construída pela combinação das informações presentes no texto com o contexto da leitura e as experiências do leitor.

Wanderley Geraldi (2011) defende que o ensino de língua portuguesa deve centrar-se em três práticas: leitura de texto, produção e análise linguística. O linguista faz uma crítica à aula de língua portuguesa destinada ao aprendizado da metalinguagem e análise da língua em si. Segundo o linguista, o estudo da língua deve capacitar os alunos, por meio dos conhecimentos adquiridos, a dominar seu uso em situações concretas. Dessa forma, o objetivo é que os alunos compreendam e produzam enunciados adequados, considerando os diferentes contextos em que a língua é utilizada. O estudioso faz uma crítica ao ensino de forma artificial ao enfatizar: “Na escola não se lêem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos. E isso nada mais é do que simular leituras” (Geraldi, 2011, p. 71).

Para Geraldi (2011, p. 72), “a leitura é um processo de interlocução entre o leitor /autor mediado pelo texto”. Segundo o estudioso, o autor tem a participação de dar significado ao texto, mas não cabe apenas a ele, pois, o leitor vai reconstruir o texto atribuindo-lhe significado.

Tendo em vista que a leitura é o diálogo entre aluno e texto, é importante a postura do leitor diante do que se lê. O estudioso aprofunda seus estudos ao diferenciar os tipos de leitura que podem ser realizadas: (i) Leitura como busca de informação, com objetivo apenas de obter informação do texto; (ii) Leitura como estudo do texto; (iii) Leitura como pretexto, caso seja utilizada de forma adequada, pode ser útil ao ensino, como fazer utilização do texto para dramatizar, ilustrar, desenhar e produzir outros textos, no entanto, se usada apenas como pretexto para ensino de gramática, é inadequada; e (iv) Leitura como fruição, ler por ler, de forma gratuita, a leitura por prazer.

2.2 Concepções de Leitura em Chartier e em Freire

Chartier e Freire divergem em suas concepções de leitura. No que diz respeito à concepção de leitura de Chartier, a leitura é um processo no qual o leitor apreende o texto, a partir de seu nível intelectual de compreensão, ao mesmo tempo em que leva em consideração o contexto histórico e as práticas de leitura na interpretação do texto. Roger Chartier (1999, p. 9), em *A Ordem dos Livros* aponta:

As obras – mesmo as maiores, ou sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os experts sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce (Chartier, 1999, p. 9).

Desse modo, compreendemos que as obras não têm sentido estático, até porque as significações são plurais e móveis. Os leitores têm a liberdade de interpretar a obra e entendê-la, de acordo com as vivências.

Por sua vez, Freire defende uma concepção crítica da leitura, em que o leitor não apenas decodifica o texto. Segundo o estudioso, “a leitura é a construção entre o entendimento do leitor e o texto. Cada texto possui visões de mundo a partir de um contexto social de produção”. Freire (1984, p. 21) critica a redução da alfabetização “[...] ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras (...), visto que, desta forma, o educador estaria desconsiderando as experiências e os saberes dos educandos enquanto sujeitos sociais”, ou seja, quando se restringe a leitura à decodificação de letras e sons.

Segundo Freire (1989, p. 9), “a leitura do mundo antecipa a leitura da palavra”. Dessa forma, a leitura do mundo está relacionada às experiências sociais no convívio com o mundo e com os outros. Para Freire, os processos interlocutivos de interação social e comunicação verbal são muito importantes na construção do pensamento e da consciência.

Para o estudioso, a leitura envolve análise e interpretação de forma reflexiva. Também chama a atenção a importância da leitura como instrumento de conscientização e transformação social, permitindo que o leitor se posicione de forma crítica diante do mundo. O estudioso ressalta a importância da valorização da cultura popular.

Paulo Freire (1989, p. 9), no que se refere a compreensão do texto, enfatiza: “Linguagem e a realidade se prendem dinamicamente, a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. O estudioso destaca através das palavras citadas que é importante considerar o contexto em que um texto é produzido, interpretado e inserido. Desse modo, o estudo deve ir além do superficial, pois não se pode analisar a linguagem através de palavras isoladas. Sendo assim, a linguagem se ajusta às circunstâncias, aos objetivos do autor e às expectativas do leitor. Quando fazemos a análise de um texto, faz-se necessário considerar não apenas o significado literal das palavras, mas os elementos que estão ao redor do texto, elementos culturais, históricos e sociais que cercam o leitor. No caso, é importante fazer a análise do contexto.

O educador destaca que “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (Freire, 1989, p. 13). Dessa forma, o autor sugere que a leitura da palavra não acontece isoladamente. Ela se origina da leitura do mundo e contribui também para escrever ou reescrever o mundo. Essa transformação consciente através da prática da leitura sugere então que a leitura atua na nossa compreensão e interpretação do mundo ao nosso redor e que a leitura pode servir como instrumento de transformação social.

Para Paulo Freire (1989), a leitura crítica possibilita que o indivíduo desempenhe o seu papel social contra a supremacia de uma classe, pois permite ao indivíduo a liberdade de análise e interpretação das informações considerando diferentes aspectos. Isso promove que o educando seja ativo e desempenhe seu papel social na construção de uma sociedade igualitária.

Em resumo, para Chartier a leitura é uma prática que acontece de maneira reflexiva e envolve sua compreensão textual; no que diz respeito a Freire, a leitura é crítica e reflexiva e deve ser transformadora, visando a consciência do mundo.

2.3 A leitura sobre a ótica da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que determina as habilidades e aprendizagens necessárias que todos os estudantes devem desenvolver durante cada etapa da educação básica.

Esse documento não é currículo, mas determina o que deve ser estudado na educação, definindo o papel dos professores e das escolas nos sistemas educacionais. É comparado como um espelho facilitador, seria como um GPS.

No que diz respeito às práticas de Língua Portuguesa, há um destaque para Linguagens e seus aspectos produtivos e comunicativos. A BNCC reflete sobre o ensino da leitura e destaca problemáticas relacionadas ao fato de que muitas crianças e jovens que estão atualmente na escola exercerão profissões ainda inexistentes. Para lidar com essa realidade, esses estudantes precisarão desenvolver habilidades variadas, adquirir um repertório de experiências e práticas diversificadas, além de dominar ferramentas que os capacitem para enfrentar diferentes desafios. Embora alguns gêneros textuais possam parecer menos relevantes em comparação aos tradicionais estudados, eles podem, na verdade, capacitar o leitor a se tornar mais ativo, reflexivo e crítico.

Sendo assim, a BNCC discorre sobre diferentes tipos de letramentos e amplia o foco sobre o trabalho direcionado não somente ao texto escrito, mas também a imagens, filmes, vídeos e som (música), agregando os gêneros digitais ao trabalho com leituras:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação. (BRASIL, 2018, p. 72).

Portanto, para a BNCC, a leitura deve ser trabalhada de forma reflexiva e crítica, fazendo uso de intertextualidade com diversos diálogos existentes quer sociais, ideológicos e trabalhar os diversos gêneros.

A referida base ressalta o valor de se apresentar os gêneros, dos mais simples como o diálogo entre amigos até os mais complexos, como os seminários, para refletir sobre a variação linguística e combater preconceitos relacionados ao comportamento e à linguagem humana. Os professores podem utilizar gravações, canções, textos em variação linguísticas para que os alunos, por meio de suas habilidades da escuta, possam identificar as características regionais. Para o documento, não se deve deixar de lado o texto escrito/impresso nem deixar de considerar as práticas que são comuns nas escolas, como notícias, charges, tirinhas *etc.* Deve-se incluir novos letramentos, essencialmente, o digital. Também é reforçado pelo documento que é essencial as práticas que decorrem da interação ativa do ouvinte a debates sobre temas sociais e públicos.

Ainda no que se refere à prática da leitura, a BNCC enfatiza a importância de o professor despertar no aluno o interesse pela leitura, tanto das obras clássicas selecionadas pela escola, como também das obras selecionadas pelo próprio discente. Os textos selecionados devem se basear no interesse do aluno tendo em vista textos que estejam presentes no seu cotidiano ou que tenham representatividade para o aluno, para que a formação esteja ligada à vida social e à vida comum. A base sugere uma escola que se proponha a trabalhar as práticas de leitura de forma ampla, fazendo a leitura não apenas do que está escrito, mas também de imagens, vídeos, sons digitais.

É claro que o conhecimento é indispensável. Para isso, a BNCC reforça a importância de se aumentar progressivamente a demanda cognitiva das atividades de leitura através dos gêneros escolhidos, da complexidade textual, dos vocabulários utilizados nos textos para ampliar o vocabulário dos alunos e o conhecimento de vocabulário mais complexos, diversificar os recursos utilizados e linguagem presentes no texto, consideração da cultura digital e da diversidade cultural. Tudo isso vai ampliar o conhecimento do aluno.

Diante disso, é plausível afirmar que a prática de leitura na ótica da BNCC tem uma função social: viver em sociedade de acordo com as diversas leituras, associando a leitura a debates sociais e públicos.

2.4 A Leitura em sala de aula

Sabe-se que nas aulas de língua materna, geralmente, priorizam-se questões gramaticais descontextualizadas do uso concreto da língua, isto é, da produção real de textos ou enunciados. Sendo assim, sabemos, indubitavelmente, que o foco das aulas de língua materna é o ensino da leitura e o da escrita, buscando ensinar ao aluno a, efetivamente, ler e a escrever, de modo que se tenham relações entre os textos/discursos que se ouve/lê/produz.

Desse modo, temos clareza de que o ensino da gramática deve ser ensinado no contexto da educação escolar, sobretudo, porque é nessa instituição na qual os alunos se apropriam das normas gramaticais, isto é, da norma-padrão. E, sendo assim, a linguagem precisa se adequar a cada situação comunicativa, considerando que cada situação comunicativa requer o trabalho de compreensão e funcionamento da língua. No entanto, o ensino de língua portuguesa não deve se limitar, apenas, às regras e conceitos, sabendo que há a necessidade de que os alunos desenvolvam uma reflexão voltada para o ensino com foco na análise linguística, porque:

A análise linguística a se praticar em sala de aula não é simples correção gramatical de textos face a um modelo de variedade e de suas convenções: mais do que isso, ela permite aos sujeitos retomar suas intuições sobre a linguagem, aumentá-las, torná-las conscientes e mesmo produzir, a partir delas, conhecimentos sobre a linguagem que o aluno usa e que outros usam. (Geraldi, 2003, 217).

Como foi destacado por Geraldi (2003), é importante que, ao contrário de um ensino voltado para a classificação gramatical, haja um ensino reflexivo voltado para a análise linguística. Desse modo, enfatizamos, sobremaneira, que é importante que o ensino de língua portuguesa se desenvolva a partir do trabalho de análise linguística, sem perder de vista que, em primeiro lugar, o foco deve ser o texto, razão pela qual é preciso que o ensino esteja centrado no texto. E, em segundo lugar, é preciso considerar o contexto (Quem escreveu? Para quem escreveu? Qual finalidade? E, em terceiro lugar, deve-se explorar os recursos linguísticos, a partir de atividades reflexivas presentes nas funções dos elementos estudados para a compreensão do texto. Nesse sentido, a compreensão de um texto é possibilitada por níveis de conhecimento, sendo eles o linguístico, o textual e o conhecimento de mundo, conforme considera Geraldi (2003). Por meio desses conhecimentos, o leitor define o sentido exposto pelo texto. Esses conhecimentos são acionados no momento da leitura e, assim, a compreensão se forma quando vários elementos se juntam produzindo um todo significativo.

Nesse sentido, compreendemos que há várias concepções de leitura no contexto acadêmico. Podemos citar alguns estudiosos que se debruçam sobre os estudos da leitura, por exemplo, Barthes (2004), Chartier (1999), Geraldi (2011), Kleiman (2002), Silva (2009) e outros.

Esses estudos são cada vez mais importantes pois, cada vez torna-se mais difícil despertar o interesse dos alunos. Em um modelo do ensino tradicional, as abordagens costumemente se vinculam a respostas prontas, como o saber sobre datas, nomes de autores, sua bibliografia entre outros aspectos secundários. Por não estarem cientes do que é mais importante, alguns educandos passam a trabalhar com os alunos aspectos estruturais das obras que só estimulam, ainda mais, o desinteresse pela literatura. “As práticas desmotivadoras, perversas, até pelas consequências nefastas que trazem, provêm, basicamente, de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura e, portanto, da linguagem.” Segundo Kleiman (2005, p. 16).

Dessa forma, a leitura tem sido definida a partir de diferentes concepções e diferentes olhares. “A leitura não é apenas o entendimento de um leitor inserido na cultura letrada, mas uma relação de aspectos sociais e culturais que perpassam pela atividade intelectual em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico” (Kleiman, 2013, p. 16 e 17). Para Angela Kleiman (2002), a concepção de leitura vai além da decodificação do código escrito. É preciso atribuir sentido e significado ao que se lê, construindo um sentido a partir do contexto histórico e cultural no qual a leitura está inserida, assim como, somar os conhecimentos prévios e relações estabelecidas entre as informações presentes no texto. Além disso, a autora destaca a importância da leitura crítica, que envolve questionamentos, reflexões, concordâncias e discordâncias, de modo a desenvolver uma análise dos textos, de forma mais profunda. Desse modo, cada indivíduo pode interagir com o texto a partir de seus conhecimentos e experiências vividas, entre outras coisas.

Diante disso, é importante enfatizar novamente que a leitura não seja utilizada como mero pretexto para o ensino de outras aprendizagens. A escola deve formar leitores por meio de concepções de leituras condizentes com as práticas atuais, que se ajustem ao contexto dos alunos, pois os discentes necessitam que a instituição os estimulem para a leitura, e não os imponham a ler algo que não tenham interesse, sem permitir ganho de conhecimento e consciência humana (Kleiman, 2005).

Sendo assim, de acordo com o explanado por Kleiman (2005), o leitor, ao ler um determinado texto, ativa os conhecimentos adquiridos ao longo de sua existência, desde suas primeiras leituras às suas leituras atuais. O professor se comporta como mediador, sendo aquele que busca fazer com que o leitor atribua sentido ao que lê. Diante disso, cada leitor faz sua interpretação e não é de se estranhar o fato de haver divergência na leitura de um único texto por indivíduos de diferentes grupos sociais, sobretudo, quando se leva em consideração que as pessoas são únicas, singulares e têm suas próprias histórias de vida e de leitura.

Quando dialogamos com Geraldi (2003), ele também nos traz a concepção de leitura como um processo ativo de construção de significado que, também, se coaduna com a dos autores aqui estudados. Não se pode perder de vista que, segundo esse estudioso, o leitor não apenas se apropria da leitura, mas é um participante ativo na interação com o texto/leitura.

Para esse autor, a leitura envolve interpretação, análise e reflexão sobre o conteúdo, levando em consideração tanto o texto em si quanto o contexto em que é produzido e recebido. Ele enfatiza a importância do leitor em trazer suas experiências, conhecimentos prévios e objetivos para a leitura, de modo a contribuir para sua compreensão e interpretação. Nesse sentido, a linguagem se materializa na leitura,

que, assim como a linguagem, é considerada um processo interacionista. Isso implica que os leitores recorrem aos conhecimentos advindos e aos adquiridos por meio da leitura ao longo da vida, seja na escola, seja fora dela.

É importante atentar para o fato de que, torna-se contraditório afirmar que o professor deve conceber a leitura como instrumento de ensino e aprendizagem, quando, de fato, a leitura é, ou deve ser, o instrumento de trabalho de todo e qualquer professor e não apenas o do professor de Língua Portuguesa. Portanto, o professor precisa possibilitar ao aluno a manipulação com a leitura, por intermédio da realização de leituras de textos, materializados nos vários gêneros textuais presentes na nossa sociedade. Sabendo que, segundo Geraldi (2003), procuramos a leitura com objetivos pré-determinados.

O texto deve ser estudado de modo a fazer com que os alunos gostem de ler, que seja uma prática aprazível, descartando uma prática superficial, ao colocar o foco somente no que o autor quis dizer, quando se esquece de querer saber o que o leitor entende. O professor deve desenvolver o trabalho com a leitura, de modo que o processo de leitura seja mais leve, seguro, direcionado e bem fundamentado.

Diante disso, conforme enfatizado por Geraldi (2003), é preciso que o professor trabalhe o texto/a leitura através de atividades linguísticas (leitura/escuta e produção oral e escrita) e epilinguísticas (comparar, transformar, reinventar) que aproxime o aluno cada vez mais da língua, e atividades metalinguísticas (que levem o aluno a refletir).

3 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa aqui apresentada realizou-se na cidade de Campina Grande - PB, com dois docentes, sendo um da rede pública de ensino e o outro da rede privada de ensino. O objetivo da pesquisa foi refletir sobre o modo como os professores de ambas as instituições encaram o ensino de leitura na escola e como promovem didaticamente a prática de leitura em sala de aula. Na primeira etapa, foi aplicado um questionário direcionado ao professor, com o objetivo de fazê-lo refletir sobre o seu ensino e seu modo de enxergar o ensino de leitura.

Para isso, o questionário proposto contém quatro questões sobre a utilização da leitura em sala de aula. O objetivo dessas perguntas foi compreender como está sendo o ensino realizado pelos professores nas escolas, podendo concluir quais os objetivos dos professores ao usar a leitura em sala de aula. Em seguida, foram analisados os dados obtidos, concluindo que os professores conhecem a importância da leitura em sala de aula e tentam desenvolver estratégias de ensino dentro das possibilidades oferecidas pelo sistema de ensino.

Ao elaborar os questionários, o foco era através dele chegar à realidade de ensino e à concepção dos docentes sobre leitura quanto objeto de ensino. Para isso, foram entrevistados dois professores. Foi perguntado sobre a concepção de leitura aos dois professores para identificar como os professores encaram a leitura em sala de aula.

Na visão do professor de escola pública e privada foi explanado os seguintes questionamentos:

QUESTIONÁRIO REALIZADO COM PROFESSOR DO ENSINO PÚBLICO

Professor de escola pública:**1-Qual sua opinião sobre a prática de ensino de leitura?**

“A prática do ensino de leitura deve ser desenvolvida o mais próximo possível do contexto de vida dos possíveis leitores, a partir da escolha de textos que dialoguem e reflitam as experiências de vidas dos estudantes em situações reais de leitura, se possível em espaços adequados para a prática leitora. Na inexistência destes, é importante que a sala de aula seja pensada e preparada para o momento de leitura”.

Análise:

Analisando a primeira questão que se refere à forma que o professor vê o ensino de leitura, o educador faz uma ótima reflexão ao trabalhar seguindo a orientação da BNCC, conforme a importância do professor despertar no aluno o interesse pela leitura tanto das obras selecionadas pela escola quanto pelas obras selecionadas pelo próprio discente. Os textos devem ser com base no cotidiano do aluno, para que a formação esteja ligada à vida social e à vida comum. A base sugere uma escola que se proponha a trabalhar as práticas de leitura de forma ampla, fazendo a leitura não apenas do que está escrito, mas também de imagens, vídeos e sons digitais.

2-Quais os desafios do ensino de escola pública?

“No que diz respeito aos desafios do ensino de leitura na escola pública., enquanto docente de escola pública, reflito sobre os desafios do ensino de leitura a partir de dois momentos: primeiro, aquele do professor recém graduado, que se ver em uma sala de aula de escola pública, onde as situações de prática de ensino de leitura são desafiadoras por vários aspectos, o tempo limitado das aulas, o desinteresse dos alunos pela leitura escolar e a falta de um ambiente adequado, como biblioteca com acervo de interesse dos jovens e adultos –, considerando a atuação docente na modalidade de ensino EJA. Frente a este contexto, a falta de experiência e de recursos expõem o professor recém graduado ao “salvador da pátria” – o livro didático –, quando ele está disponível frente às adversidades do ensino público. Isto expõe a importância do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e de políticas públicas com vistas, tanto a atender as demandas da formação de leitores quanto voltadas para a formação continuada dos professores. Neste último aspecto, situo o segundo momento, o da formação continuada, que se apresenta como um divisor de águas para o professor de Língua Portuguesa, visto que pode ser um momento de amadurecimento de suas concepções de leitura, de leitor e de texto. Quando o professor possui um entendimento de que leitor pretende formar, mesmo diante da complexidade da escola pública, as estratégias para o desenvolvimento de práticas de leitura que considerem as experiências de vida dos alunos, mediante a escolha de textos que reflitam seus contextos de vida, ocorrem com mais nitidez segundo Paulo Freire, a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, desse modo, é possível pensarmos na importância de o professor amadurecer sua leitura sobre o universo contextual de atuação (contexto escolar e do contexto de vida dos estudantes) e, com mais clareza, poder definir as práticas de letramento mais adequadas.”

Análise:

Apesar das dificuldades nota-se que o excelente profissional tenta ultrapassar as barreiras e estimular os alunos à leitura. Percebemos que ele tem a visão de Geraldi (2011) em que o professor precisa possibilitar ao aluno a leitura de vários gêneros textuais presentes na nossa sociedade.

3-Quais as estratégias para estimular os alunos à prática da leitura?

“Quando o professor possui um entendimento de que leitor pretende formar, mesmo diante da complexidade da escola pública, as estratégias para o desenvolvimento de práticas de

leitura que considerem as experiências de vida dos alunos, mediante a escolha de textos que reflitam seus contextos de vida, ocorrem com mais nitidez. Segundo Paulo Freire, a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, desse modo, é possível pensarmos na importância de o professor amadurecer sua leitura sobre o universo contextual de atuação (contexto escolar e do contexto de vida dos estudantes) e, com mais clareza, poder definir as práticas de letramento mais adequadas.

Análise da resposta:

O professor também traz em sua bagagem uma visão de Paulo Freire. Segundo Geraldini (2004), que faz a análise de Freire, este entendia que a leitura envolvia análise e interpretação. De forma reflexiva, a leitura é como um instrumento de conscientização e transformação social, permitindo que o leitor se posicione de forma crítica diante do mundo. O estudioso enfatiza a importância da valorização da cultura popular em que o professor valoriza o social e cria estratégias de acordo com o envolvimento do aluno.

4-Você elabora um plano de aula?

“Sempre planejo aulas. Busco desenvolver práticas de leitura atreladas aos estudos culturais, refletindo as culturas em associação ao fenômeno da linguagem. Segundo às reflexões de Geraldini (2015), no texto “Aula como acontecimento”, em que o autor sugere a inversão da flecha, de modo que as experiências de vida dos sujeitos tornem-se objeto de reflexão escolar. Neste sentido, é possível partir da problematização do real para a investigação e busca por solução para questões que envolvem a vida dos sujeitos. Ao considerarmos que a aula é dinâmica, os objetos de investigação podem surgir no dinamismo da aula. Uma outra forma é questionar os estudantes a respeito de suas preferências. Uma prática pedagógica exitosa, desenvolvida recentemente, partiu justamente da escuta dos estudantes a respeito de suas preferências leitoras. Mediante a intenção prévia de desenvolver o letramento dos gêneros textuais (grafite e tatuagem), considerando a problemática que os envolve como prática de linguagens periféricas, na maioria das vezes, atribuídas à marginalidade, elas estão imersas no ambiente escolar, porém não prestigiadas. Estes gêneros foram incluídos numa lista com outros gêneros e, a partir de um questionário subjetivo, os estudantes foram questionados sobre suas preferências leitoras. Como hipótese, entendemos que os estudantes tinham interesse em desenvolver seus conhecimentos/habilidades de letramento dos textos grafite e tatuagem, foi o que se confirmou, 70% da turma escolheu a leitura destes textos e manifestou o interesse em conhecer mais sobre a história dessas práticas de linguagem na sociedade. Mediante a constatação, foi desenvolvido um plano de ensino, seguido de um módulo do aluno para a leitura e atividades epilinguísticas e metalinguísticas, seguidas de eventos e práticas de letramento”.

Análise da resposta:

O professor de escola pública tem sua concepção sobre o ensino de leitura baseada nos estudos de Geraldini (2015) que trata-se de uma visão interacionista voltada à compreensão e interpretação de textos de forma a trazer para sala de aula o ensino interessante, utilizando prática social mais próxima do dia a dia do discente. O professor de escola pública enfatiza que nas aulas iniciais com a turma, ele procura conhecer e entender os assuntos que os alunos mais gostam. Dessa forma, prepara seu plano de aula com assuntos que sejam de interesse da turma, isso os deixam envolvidos com a temática debatida em sala de aula e desperta o interesse com os textos trazidos pelo educando. Então, o professor torna-se assim um facilitador na prática de ensino, facilitando o entendimento dos textos,

pois procura aproximá-los às práticas sociais de sua realidade e planejar o ensino de língua portuguesa tendo como foco se aproximar da realidade social vivenciada pelo aluno. Isto proporciona a junção da realidade trazida pelo texto e a realidade social vivenciada pelos discentes, colaborando para o reconhecimento, a leitura, a produção, a utilização e a compreensão de diferentes gêneros em contextos sociais distintos.

QUESTIONÁRIO APLICADO COM PROFESSOR DE ESCOLA PARTICULAR

1- Qual sua opinião sobre a prática de ensino de leitura?

“É muito promissora para os alunos, porque ele estimula a prática da oralidade em sala de aula, bem como propicia a perda da timidez dos alunos, ao falar em público e deixa a aula mais interativa”.

Análise:

Faz uma ótima análise do ensino de leitura, alinhada à visão da BNCC em que a leitura deve ser estimulada, pois propicia crescimento social ao aluno.

2- Quais os desafios do ensino de leitura escola particular?

“Creio que na escola particular, a leitura é mais trabalhada e, em algumas turmas, os alunos são mais participantes. A dificuldade vai existir quando não se pratica na sala de aula, por exemplo, quando não se estimula os alunos a lerem enunciados de questões, respostas e textos que estão sendo usados nas aulas”.

Análise:

Foi considerada a importância da leitura. Esta não deve ser uma atividade a ser ensinada na escola como mero pretexto para o ensino de outras aprendizagens, mas a instituição tem a responsabilidade na formação de leitores, por meio de concepções de leituras atualizadas e adaptadas ao contexto do aluno. O aluno necessita que a escola os estimulem a ler, e não os imponha uma leitura desinteressante, sem permitir ganho de conhecimento e consciência humana. Como salientado sobre os modelos que devem ser aplicados no ensino de leitura: “Esses modelos lidam com os aspectos cognitivos da leitura, isto é, aspectos ligados à relação do sujeito leitor, o texto enquanto objeto, entre a linguagem e a escrita e a compreensão, memórias interferências [...] Kleiman (2005, p. 31). O professor pode traçar estratégias para chamar atenção do aluno por meio de textos que o aproximem da realidade e estão inseridos no contexto social dos estudantes.

3- Quais as estratégias para estimular os alunos à prática da leitura?

“Não tem uma estratégia específica. Procuro sempre estimulá-los de acordo com os alunos e seu grau de interesse”.

Análise:

Geraldi (2011) faz uma crítica ao ensino de leitura de forma artificial. Ele enfatiza que na escola não se escreve textos, produz-se redação, não se lêem textos, faz-se exercício de interpretação, e não se faz análise de texto, aplicam-se os dados pré-existentes. Então, a leitura deve ser prazerosa e devemos levar textos que estimulem o aluno a ler. Nota-se que o professor tem uma visão mais tradicional, que deve ser melhor construída.

4- Você elabora um plano de aula?

“Não faço um planejamento para as aulas de leitura, fico livre para administrar essa aula da maneira que achar melhor. Creio que a dificuldade pode existir quando a turma não colabora ou é uma turma que não tem muitos alunos que gostam de falar em público.

Análise:

Trata-se de uma visão mais tradicional que deve ser melhor construída. Além disso, os estudos apontam que, cada vez, torna-se mais difícil despertar o interesse do aluno, em um modelo do ensino tradicional. Conforme abordado, os ensinamentos tradicionais costumam vincular-se a respostas prontas, como o saber sobre datas, nomes de autores, sua bibliografia entre outros aspectos secundários. Por não estarem cientes do que é mais importante, alguns educandos passam a trabalhar com os aspectos estruturais das obras que só estimulam, ainda mais, o desinteresse pela literatura. “As práticas desmotivadoras, perversas, até pelas consequências nefastas que trazem, provêm, basicamente, de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura e, portanto, da linguagem.” Kleiman (2005, p.16). Por isso, é cada vez mais importante que o professor prepare aulas atrativas que levem o aluno a se envolver no ensino de leitura.

Essa entrevista foi muito proveitosa pois ambos os professores expuseram as dificuldades enfrentadas pelo professor em sala de aula no ensino de leitura, nos levando a concluir que a teoria absorvida precisa ser adaptada às situações do dia a dia do professor, pois nem sempre a teórica pode ser aplicada exatamente como ela é, isso ocorre devido a uma série de fatores que envolvem o ensino e a aprendizagem. Sendo assim, o ensino de leitura muitas vezes precisa ser adaptado às situações do dia a dia do professor que deve estar atento a necessidade do aluno, a teoria precisa adaptações que devem ocorrer na prática de ensino.

No que diz respeito ao professor da escola particular, pode-se constatar uma visão mais tradicional sobre o ensino de leitura, direcionada à decodificação e à prática de ler voltada à leitura de enunciados, sem um plano específico de aulas, de modo a não se preocupar em chamar atenção dos alunos para uma prática de leitura que os envolva em uma aula mais interessante.

Refletimos também que as respostas referentes ao planejamento das aulas para o professor de escola privada expõem a realidade do ensino de algumas instituições particulares em que já tem um plano de aula pronto e que o professor deve seguir, algumas vezes restrito, o que dificulta o docente a desenvolver estratégias de ensino para ajudar a despertar o interesse por aulas de leitura. Levando-nos a fazer uma reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa que requer uma aproximação dos métodos e ferramentas eficazes que possam perpassar e otimizar a prática aliada a teorias sendo necessário ter os seguintes objetivos: a leitura, a escrita, a compreensão e a interpretação bem utilizadas como mecanismos para o domínio de uma língua.

Dessa forma, é perceptível que para haver desenvolvimento de ensino e que a aprendizagem aconteça de modo eficaz é necessário que haja um bom planejamento condizente com aquilo que se almeja trabalhar. Podemos afirmar que o planejamento é de extrema importância para que o educador possa refletir no desenvolvimento de atividades que provavelmente irá contribuir para a construção do conhecimento do educando. É por isso que se torna evidente a eficácia dos métodos utilizados pelo professor de escola pública. A concepção de ensino de leitura do professor de escola pública, é baseado nos estudos de Geraldi (2015), tendo como foco o esforço em planejar e produzir as aulas atrativas que levam o aluno a compreensão e interpretação de textos, fazendo com que o ensino se torne interessante ao utilizar prática social mais próxima do dia a dia do discente.

Dessa forma, o trabalho produzido pelo professor de escola pública leva em consideração que autores do cânone literário conforme orienta a BNCC não deve ser a única fonte a ser utilizada em suas aulas. Pois, é perceptível a dificuldade entre os alunos referente a leitura de obras mais rebuscadas. Sendo importante o uso de autores mais modernos, de uma linguagem mais próxima do mundo do aluno. É até uma maneira eficaz de trabalhar com obras em que o educando consiga se identificar, porém, o que o professor precisa ter cuidado, independente do período e do autor dessa obra, é o seu valor literário.

Através dos relatos apresentados é notório a importância de o educando procurar resgatar um ensino inclusivo, reconhecendo a realidade do aluno, se aproximando do seu mundo, levando em conta que o aprendizado da língua materna requer o reconhecimento dos fatores culturais que envolvem os ambientes em que ele está inserido.

Percebemos também que para se ter êxito no ensino, é imprescindível que o professor realize o trabalho com a leitura tendo um olhar crítico e como orienta a BNCC, que dá ênfase a um ensino de forma reflexiva e crítica, fazendo uso de intertextualidade com diversos diálogos existentes, quer sociais, quer ideológicos e trabalhando os diversos gêneros. É importante também utilizar os mais variados gêneros que são rodeados, livros, propagandas, jornais e através dos meios virtuais. Através da internet, conseguimos acessar ler muitas obras que já caíram em domínio público, e algumas outras, mesmo possuindo direitos autorais, que constam em vários sites de acesso permitido.

Ao fazer a análise as dificuldades dos educadores de duas instituições permitem visualizar como ocorre o processo educacional, permitindo abordar novas propostas a serem aplicadas, mesmo que, ao longo dessas etapas apareceram desafios, a aplicação de temas de interesse do aluno possibilita um bom andamento do conteúdo, despertando o interesse do educando e o aprendizado do mesmo.

Portanto, é fato que sempre o professor deve visar a busca incessante em se aproximar da realidade dos alunos, reconhecendo a importância em tornar sua prática docente cada vez mais provocadora e significativa. Então, resta-nos uma imensidão de questionamentos sobre o exercício da docência, e a certeza de que o título de professor está atravessado pelo compromisso metodológico de suas aulas.

Percebemos através das entrevistas que dificuldades existem, cabe a nós, enquanto profissionais da área da linguagem, procurar absorver, de forma crítica, aquilo que julgamos não estar em consonância com as teorias, melhorá-las, modificá-las, dar a nossa contribuição no processo de ensino-aprendizagem.

Enfatizamos que, apesar do professor enfrenta desafios, como o fato de que muitas vezes a falta de incentivo na própria Instituição de ensino, mas é preciso que o professor trabalhe o texto/a leitura através de atividades linguísticas (leitura/escuta e produção oral e escrita), epilinguísticas (comparar, transformar, reinventar) que aproxime o aluno cada vez mais da língua, e atividades metalinguísticas, que levem o aluno a refletir deixando evidente a necessidade de métodos de ensino que propiciem ao aluno o reconhecimento, a leitura, a produção, a utilização e a compreensão de diferentes gêneros em contextos sociais distintos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todo o exposto, compreendemos que, como professores, devemos ter um olhar reflexivo sobre a leitura em sala de aula, pois o professor ajudará o aluno no processo de formação, ajudando-o a ser um leitor crítico e reflexivo, abrindo a mente

do aluno para observar o mundo sobre uma nova ótica, com um significado diferenciado.

Refletimos sobre as dificuldades vivenciadas na escola, o tempo limitado das aulas, o desinteresse dos alunos pela leitura escolar e a falta de um ambiente adequado, como biblioteca com acervo de interesse dos jovens e práticas desmotivadoras devido à concepção de ensino de leitura desatualizada.

Analisando os estudiosos apresentados nesse estudo, em relação às suas concepções de leitura, cada um teve sua contribuição para que possamos refletir que a leitura envolve análise e interpretação. A leitura é um instrumento de conscientização e transformação social e permite que o leitor se posicione de forma crítica diante do mundo.

Explanamos de que forma a leitura tem sido trabalhada em algumas salas de aula e de que modo deve ser trabalhada enfatizando que se deve trabalhar o texto por meio de interpretação, análise e reflexão sobre o conteúdo, levando em consideração tanto o texto em si quanto o contexto em que é produzido e recebido.

Ao final deste estudo, e com base nos questionários aplicados, foi fundamentalmente importante notar que o ensino de leitura ainda deve ser melhor compreendido por alguns docentes. Pode-se concluir que há discussões sobre diversas ideias de educação para que os alunos obtenham o máximo de rendimento escolar, sendo algo promissor no quadro educacional.

O trabalho desenvolvido não chega a ser conclusivo. Na verdade, o que produzimos contribui para que o trabalho em sala de aula ocorra de diferentes perspectivas. Embora o ensino seja uma realidade para os alunos, ainda há muito o que se aprender e buscar formas para as atividades pedagógicas. Portanto, é extremamente necessário que os professores continuem estudando e buscando estratégias para a inclusão desses meios, o que se torna primordial para o desenvolvimento do aluno.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, M. Os gêneros do discurso. *In: Estética da Criação Verbal*. Trad. Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL. *BNCC na prática*. Equipe educacional da Editora. 1. ed. São Paulo: FTD, 2018.

CHARTIER, Roger. *Ordem dos livros*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 51 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GERALDI, João Wanderley. **A linguagem em Paulo Freire**. 2004. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/items/06eb41c6-2074-459f-80a4-cc293ca2c95d>. Acesso em: 20 de março 2024.

GERALDI, João Wanderley. *et al.* (Orgs.). **O texto na sala de aula** 3. ed. São Paulo: Ática, 2005.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 2011.

GERALDI, J.W. **A Aula como Acontecimento**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2015.

KLEIMAN, Angela, **Oficina de leitura**. 9º ed São Paulo: Pontes editor, 2005.

KLEIMAN, Angela, **Oficina de leitura**. 9º ed. São Paulo: Pontes editor, 2002.

KLEIMAN, Angela. **Texto e o leitor**. Aspecto cognitivo da leitura 15 ed, Campinas - São Paulo: Pontes Editores, 2013.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Uma leitura da leitura crítica. *In: Criticidade e leitura: ensaios*. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

AGRADECIMENTOS

Como não poderia ser diferente, em primeiro lugar, agradeço a Deus por tudo que ele me proporcionou, pela força que sempre me deu, por me mostrar nos momentos que pensei em desistir que eu poderia superar todas as adversidades que estavam diante de mim.

Agradeço com todo meu coração à minha família que me apoiou e me motivou em toda essa caminhada acadêmica; e aos meus amigos que sempre me trouxeram alegria e palavras encorajadoras.

Agradeço aos meus professores que me acompanharam em todo o processo e pela maneira que nos incentivaram a caminhar e adquirir novos saberes. À minha querida orientadora Maria do Socorro Moura Montenegro, agradeço a confiança depositada em mim.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação.